

AVES DO PARANÁ: 25 ANOS

Uma homenagem a PEDRO SCHERER NETO

por

FERNANDO COSTA STRAUBE

Mülleriana: Sociedade Fritz Müller de Ciências Naturais, Curitiba (Paraná).
E-mail: urutau@terra.com.br.



Itapoá, Santa Catarina (outubro de 2004): Pedro Scherer Neto meditando sobre a conservação da natureza - e das aves - no Brasil. Foto: Raphael Santos.



Pedro Scherer Neto, em 1989, durante o "2nd. International Meeting of the ICBP Parrot Specialists Group", por ele organizado em Curitiba. Foto: Pedro Salviano Filho.

Aos 57 anos incompletos, chega a hora de

um dos mais renomados ornitólogos brasileiros receber uma homenagem à altura dos 25 anos completados desde a edição de seu livro "Aves do Paraná".

Pedro Scherer Neto, engenheiro agrônomo por formação, mestre em Zoologia pela Universidade Federal do Paraná é o pioneiro das pesquisas contemporâneas em Ornitologia no Estado do Paraná.

Natural de Curitiba (Paraná), onde nasceu em 30 de outubro de 1948, iniciou suas pesquisas avifaunísticas quando ainda ligado ao Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR), logo após deixar o seu cargo no Passeio Público de Curitiba, na época

o zoológico mantido pela prefeitura daquele município.

Na ocasião - momento de grande instabilidade política - passou a organizar as coleções ornitológicas mantidas pela instituição com a extinção do chamado Instituto de História Natural. Foi também nesse momento que iniciou-se na prática de observação de aves, utilizando-se dela para realizar inúmeras pesquisas pelo interior do estado do Paraná, em particular na Serra do Mar, planície litorânea e na região dos Campos Gerais. Contava com a inestimável companhia de duas afamadas botânicas paranaenses: Luiza T.D.Dombrowski e Yoshiko S.Kuniyoshi. Nessas viagens, segundo Scherer: "*Enquanto elas coletavam plantas, eu observava as aves*".

Aos poucos foi montando um fichário, organizando listas, ajeitando registros bibliográficos, de peles de museu e suas próprias anotações de campo. E, claro, preparando a sua primeira grande contribuição à Ornitologia brasileira: o livro "Aves do Paraná", editado já em 1980 pela Fundação Mário Nardelli de Nilópolis (RJ). Para isso contou com o apoio e colaboração de grandes nomes da Ornitologia nacional, tanto os que participaram de suas inúmeras viagens, quanto os que contribuía como correspondentes. Pode-se, nesse sentido, enumerar nomes como Helmut Sick (seu mais destacado mentor), William Belton, Flávio Silva, Jacques M.E.Viellard, Fernando da C.Novaes, Hélio F. de A.Camargo, Maria Ignez Ferolla, Lenir A.do Rosário, Augusto Ruschi, José Carlos Reis de Magalhães, Nei Carnevalli e vários outros. Com modéstia, relata que essas pessoas "*...sempre me auxiliavam. Hoje, analisando, vejo que eles me atendiam sempre muito bem quando lhes dirigia perguntas, às vezes tão banais... Mas para quem não sabia quase nada, aquilo era muito importante*".

Mesmo após ter procedido uma autêntica reorganização no conhecimento da riqueza da avifauna paranaense com o lançamento de seu livro, Pedro Scherer continuou com suas viagens e pesquisas, dividindo seu tempo com os estudos junto à coleção do hoje denominado Museu de História Natural Capão da Imbuia e com o estímulo e orientação de pessoas interessadas no estudo das aves silvestres do estado.

Nesse sentido, uma viagem que fez a Belém (1981) em companhia de Flávio Silva e Maria Alice B.Fallavena foi o passo definitivo para mais uma de suas importantes contribuições. Sentados no alto de uma torre de observação no dossel da

selva amazônica, passaram a planejar - primeiro descompromissadamente - o crescimento da observação de aves no Brasil. O Clube de Observadores de Aves, criado por Belton na década de 70 já era uma realidade, mas ainda pouco conhecido pela limitação na divulgação e participação por parte da comunidade.

Passados alguns meses, Pedro decidiu organizar o "1º Curso para Observadores de Aves". Seria uma tarefa difícil: convencer as autoridades municipais da importância do desenvolvimento dessa prática, em um país onde "*peças que olhavam passarinhos com binóculos eram considerados meio estranhos...*". Foi à luta. Consegui apoio da Fundação Cultural de Curitiba e pessoalmente do então prefeito, o saudoso Maurício Fruet. Saiu pela cidade colando cartazes nos postes de iluminação e nos centros universitários. Distribuiu pessoalmente folders e programas...



Pedro com Raphael Santos e Eduardo Patrial: almoço bucólico no rio Ivaí em Ivaiporã, PR (julho de 2005).



No campo, com Raphael Santos, Eduardo Patrial e o inseparável binóculo a procurar raridades: Itapoá, SC (outubro de 2004).

O resultado acabou sendo considerado um dos marcos no desenvolvimento da Ornitologia do Paraná. O curso, realizado entre 11 e 16 de janeiro de 1982, foi um verdadeiro sucesso, contando com 18 participantes de uma lista já esgotada logo nos primeiros dias de divulgação do evento. Com a simplicidade que sempre lhe foi característica, Pedro relatava: "*...um dos pontos altos do curso foi um jantar ao ar livre que organizei em São João do Triunfo, com comida típica da região e cerveja caseira*".

Sabemos, entretanto, que além dos momentos especiais de amizade entre os participantes, o curso serviu como iniciação para as carreiras de vários ornitólogos e outros profissionais da área biológica do Paraná. E também para a criação do núcleo paranaense do COA, no histórico dia de 15 de janeiro, durante uma reunião noturna na base de campo da Reserva Experimental da UFPR.

Sem dúvida nenhuma, isso tudo serviu como sedimentação para a formação de várias outras ramificações estaduais do clube, nos estados de Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Rio Grande do Norte. E, claro, de inúmeras outras iniciativas relacionadas ao tema que iam desde a publicação da revista "O charão" até os vários grupos voltados à observação de aves que se multiplicam atualmente por todo o País. Algum tempo depois, Pedro assumiu a presidência do Clube de Observadores de Aves, cargo que ocupou com grande dinâmica, em mandato de três anos.

Depois disso, Pedro continuou a pesquisar as aves, indo a campo e - sempre - formando novos valores, seja com sua orientação dedicada e rigorosa junto às coleções

do Museu do Capão da Imbuia, seja com os infinitos ensinamentos que ofereceu amavelmente às centenas de estudantes e leigos que participavam das viagens de campo.

Em um tempo em que "levantamento de aves" e as listas e conclusões decorrentes desse tipo de trabalho eram uma atividade pouco discutida nos meios científicos, Scherer passou a pensar ainda mais alto: haviam inúmeros locais e regiões para serem visitadas e pesquisadas no Paraná. Mas como fazer isso? Associou-se a outros pesquisadores do museu e decidiu realizar levantamentos mais assíduos e sistemáticos em áreas protegidas do estado. Primeiro estudou a avifauna do extinto Parque Nacional de Sete Quedas, em Guaíra. Depois, no ano de 1983, coordenou uma grande equipe multi-disciplinar para o inventário faunístico dos parques estaduais de Caxambu (município de Castro) e Vila Velha (município de Ponta Grossa). Expedições de cinco dias para cada um desses lugares foram realizadas, em fases bimestrais, nas quais preparava uma enorme quantidade de mantimentos, mais a organização de transporte e demais necessidades logísticas. Armadilhas para mamíferos, ganchos para cobras, estacas de rede, caixas de madeira com paquímetros e balanças, garrafas de formol, álcool, seringas, lonas de barracas, mochilas com pertences: tudo isso ia amontoado nas kombis e nos veículos cedidos por alguns dos integrantes. Era uma festa! E o trabalho, que permitia a todos conhecer um pouco de cada especialidade zoológica, marcou definitivamente as vidas de todos os seus integrantes. E, claro, estabeleceu as primeiras bases para a pesquisa de vertebrados no estado do Paraná, muitas vezes com recursos pessoais, visando sempre o sucesso da empreitada.

E assim seguia o Pedro - como até os dias de hoje segue - cantarolando "pelo mato" com sua voz grave a já clássica paródia musical, trazida da obra de Walt Disney: "*Pela estrada a fora eu não vou bem sozinho, com o meu binóculo pra ver passarinho...*".

Depois disso, Pedro passou a organizar (ou pelo menos acompanhar de perto) vários outros trabalhos com a avifauna paranaense: foram estudos nos mais variados locais, na Fazenda Santa Rita, na Reserva de Guaricana, em vários locais de mata de araucária e estacional, no cerrado e outros. Capitaneou expedições e viagens sistemáticas a outras unidades de conservação como os parques nacionais do Iguaçu, de Saint Hilaire-Lange, de Ilha Grande, do Superagüi, os parques estaduais das Lauráceas, Campinhos, do Palmito, do Quartelá, do Lago Azul, as estações ecológicas do Caiuá, do Guaraguaçu, do rio dos Touros, da Ilha do Mel e incontáveis outras áreas protegidas... Em alto-mar obteve registros valiosos de espécies oceânicas em suas várias viagens a bordo do navio oceanográfico Almirante Saldanha. Em um ritmo impressionante, visitou todas as regiões do Paraná e, sempre com interesse ornitológico, viajou para quase todos os estados do Brasil e para inúmeros países do mundo.

Com poucos recursos, mas seriamente motivado pelo seu interesse pessoal pela Ornitologia e seu desenvolvimento no cenário nacional, financiava as viagens e participação de colaboradores com seus recursos próprios. Dali surgia a paródica "*PSN A-foundation*", um trocadilho freqüentemente usado para dizer que pagava as despesas "do próprio bolso".

Dedicou-se à pesquisa da história natural, distribuição e conservação do papagaio-da-cara-roxa (*Amazona brasiliensis*) espécie na qual é autoridade mundial. Com ela fez sua dissertação de mestrado, apoiada fortemente pelo saudoso prof. Sick. Enquanto fazia viagens para observação e contagem de indivíduos, aproveitava para coletar dados sobre a avifauna da recém-criada Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba e, claro, de todo o riquíssimo complexo natural que é a planície litorânea e os contrafortes serranos adjacentes.



Alunos e professores do "1º Curso para Observadores de Aves" durante palestra de Flávio Silva versando sobre anilhamento. O flagrante foi obtido em São João do Triunfo em janeiro de 1982. Pedro Scherer Neto está no centro da imagem, em posição de destaque. Além dele, aparecem: Flávio Silva, Adelinyr A.Moura Cordeiro, Fernando C.Straube, Suzana Cordeiro Trebien, Beloni Pauli-Marterer, Clóvis R.S.Borges, Cláudia M.Boeing, Siumar Goetzke, Maria Tereza Fallavena, Erasto V.Branco-Jr. e Zig koch. Na primeira fila estão Astrid Richter, Marcio L.Bittencourt, Ana V.Cimardi, Jorge A.Müller e Luiz dos Anjos. Foto: Maria Alice Fallavena.

Não apenas esse magnífico representante de nossa avifauna foi seu objeto de estudo e interesse. Para obter informações comparativas, acompanhou estudos com o papagaio-charão (*Amazona pretrei*), o papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) e o papagaio-chauá (*Amazona rhodocorytha*). Visando os psitacídeos como um todo, participou de comissões, reuniões, comitês oficiais e também dos trabalhos de campo com a ararinha-azul-de-spix (*Cyanopsitta spixi*), a arara-azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*) e a arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari*). Pesquisou a jacutinga (*Pipile jacutinga*), o pica-pau-de-cara-acanelada (*Dryocopus galeatus*), o macuquinho-da-várzea (*Scytalopus iraiensis*), o bacurau (*Caprimulgus parvulus*), a curucaca (*Theristicus caudatus*), o cuiu-cuiú (*Pionositta pileata*), o gavião-pega-macaco (*Spizaetus tyrannus*), o mocho-diabo (*Asio stygius*), o tangará (*Pipra fasciicauda*) e vários outros.



Fevereiro de 2005: Tiago V.Monteiro, Pedro Scherer Neto e Eduardo Patrial, na Fazenda Perigara (Pantanal), organizando a lista de aves observadas no local.

onde viajou em quatro ocasiões acompanhando os trabalhos levados a efeito por Martin Sander (Unisinós, RS) e sua equipe. Muitos anos depois passou à marcação de aves em vários outros locais, destacadamente em uma monocultura de essências arbóreas exóticas (Tijucas do Sul), nas várzeas do rio Ivaí (Região Metropolitana de Curitiba) e no Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo (noroeste do estado).

Em outubro de 1988 organizou o "*2nd. International Meeting of the ICBP Parrot Specialists Group*", um encontro que congregou criadores e ornitólogos do mundo inteiro em sessões concorridas, visando estabelecer planos de conservação para os psitacídeos.

No ano de 2001 foi o presidente da comissão organizadora do IX Congresso Brasileiro de Ornitologia, realizado no *campus* da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em Curitiba e que contou com a presença de quase 700 congressistas de todos os estados brasileiros e de outros países do mundo.

Conservacionista declarado, manifestou recentemente sua preocupação sobre alguns lugares que, no passado eram preservados e que foram totalmente dizimados. De fato, acompanhou de perto a ensandecida destruição dos ambientes naturais paranaenses a partir da década de 70, tornando-se com isso uma testemunha desse lamentável processo. Participou do grupo técnico voltado ao Tombamento da Serra do Mar, na década de 80, da criação de inúmeras unidades de conservação paranaenses, de projetos, estudos e outras iniciativas em prol da conservação dos recursos naturais, bem como de comissões de proteção à fauna.

Em 2003 foi o coordenador executivo do grupo ornitológico que estabeleceu a lista das espécies ameaçadas de extinção no Paraná, atividade na qual já tivera participação expressiva na lista anterior, datada de 1995.

Buscando sempre a interação do meio científico com o público leigo, publicou notas e capítulos de livros, com destaque para aquele que versa sobre as aves na obra "*Mata Atlântica*" de autoria de Carlos Ravazzani e colaboradores (1995).

Durante vários anos (a partir de 1983) trabalhou com anilhamento de aves, podendo inclusive ser considerado um dos precursores brasileiros desse tipo de técnica para estudo de migrações. Paralelamente aos trabalhos realizados por Lenir A.do Rosário em Santa Catarina, anilhou milhares de indivíduos de aves marinhas (especialmente *Fregata magnificens* e *Sula leucogaster*) no arquipélago de Currais, litoral paranaense.

Essa experiência, adquirida com a prática, serviu-se como base para pesquisas na Antártica, para



Agosto de 2005: Pedro Scherer Neto mostra, ao prefeito de Curitiba: Beto Richa, exemplares do papagaio-de-cara-roxa (*Amazona brasiliensis*) depositados no Museu de História Natural Capão da Imbuia (Foto: Ricardo Almeida, do website oficial da Prefeitura Municipal de Curitiba: <http://www.curitiba.pr.gov.br>)

Por todos os motivos aqui apresentados e também aqueles involuntariamente omitidos, destacou-se pelas contribuições que prestou à Ornitologia brasileira, as quais granjearam-lhe o "PRÊMIO ARARAJUBA", concedido em 1994 pela Sociedade Brasileira de Ornitologia (da qual foi presidente por 3 anos), durante o IV Congresso Brasileiro de Ornitologia (Universidade Federal Rural de Pernambuco, Coroa do Avião, Tapacurá/PE).

Pensando em render-lhe uma modesta homenagem, em meados de julho deste ano convidei alguns estudiosos e amigos para redigir testemunhos e impressões sobre Pedro Scherer Neto. Nessa compilação de opiniões, preferimos o tom informal, uma vez que uma análise mais aprofundada da contribuição desse estudioso para o conhecimento da avifauna paranaense encontra-se publicada nesse número do "Atualidades Ornitológicas", em sua versão *online*.

Neste importante momento de comemoração passo a palavra aos depoentes, que carinhosamente escreveram algumas palavras sobre o Pedro: "*o pesquisador que abriu a primeira picada para ver passarinhos no Paraná*".



Pedro Scherer Neto e o autor, durante o XII Congresso Brasileiro de Ornitologia realizado no campus da FURB em Blumenau (SC), novembro de 2004. Foto: Pedro Salviano Filho.

TESTEMUNHOS...



Curiosamente, a primeira vez que eu ouvi falar de observação de aves foi por volta de 1983 ou 1984, quando eu tinha dez anos de idade. Era uma reportagem da revista de bordo da Varig (Ícaro) sobre o tema, e que falava do COA e tinha como um dos personagens principais o Pedro Scherer, que era descrito como um pesquisador capaz de identificar as aves pelo tipo de voo e pelo canto. Isso me impressionou

muito na época, e eu ficava pensando se, um dia, eu também seria capaz de identificar alguma ave... Conheci o Pedro pessoalmente (e ele estava igualzinho à foto que apareceu na Ícaro!) no CBO de Recife, e, para um recém-chegado à ornitologia e em seu primeiro congresso, o contato com um pesquisador do porte (também literalmente falando!) do Pedro foi uma experiência marcante. Sua gentileza e desprendimento, além do grande conhecimento não só sobre as aves, foram importantes e estimulantes na minha carreira como ornitólogo. (*Luis Fábio Silveira*, Museu de Zoologia/USP, São Paulo).



A primeira vez que encontrei o Pedro Scherer Neto foi há vários anos atrás, mas passei a realmente conhecê-lo e a conviver com ele a partir de 2002, quando passei a participar de reuniões do IBAMA. Nessas reuniões é patente o respeito que todos têm pelo Pedro. Ele fica calado quase o tempo todo, mas quando fala, todos o ouvem e acatam suas idéias bem formuladas. Acho que devido à sua timidez, não é fácil conhecer o Pedro, mas uma vez transposta a barreira, ele se revela uma pessoa muito atenciosa e detentor de um conhecimento incrível das mais diversas áreas. Quem olha aquele homem alto e grande não

imagina como ele é sensível, capaz de dizer com uma carinha de molequinho "- Ah, não judia de mim!". E como ele gosta de doces... Não há como estar do lado do Pedro e não dar boas risadas, ouvir histórias interessantes e aprender muito sobre ornitologia. O Pedro construiu parte da história da ornitologia brasileira e ainda contribui muito para o seu avanço (*Cristina Y. Miyaki*, Instituto de Biociências, USP).



Lembro-me como se fosse hoje da minha primeira fase de campo, no glorioso Parque Florestal de Caxambu, durante um mês frio do já longínquo ano de 1983. Lembro-me, além do frio e da chuva, da expectativa gerada com essa primeira oportunidade de nos sentirmos biólogos de verdade. Isso tudo, pouco tempo depois de termos sido aceitos como estagiários do museu pelo então diretor, Pedro Scherer Neto, um sujeito quieto e sisudo de meter medo.

Ali estávamos eu, o Renato Bérnils e o Magno Segalla, em meio a outros grandes amigos, com o objetivo (àquele momento inédito e desafiador) de coletar os répteis que porventura aparecessem por aquelas bandas, como recém-admitidos estagiários do ainda incipiente laboratório de herpetologia. Acho que o meu orgulho em participar pela primeira vez de uma fase de campo junto à equipe do Museu só devia ser suplantado pelo medo do Pedro de que algo desse errado, com tantos guris inexperientes em campo. Nenhum de nós, estagiários, tinha noção à época do quanto aquelas primeiras atividades (e muitas outras que sucederiam) seriam importantes na definição de nossas futuras carreiras. O espírito de aventura que carregávamos era agora alimentado pela possibilidade de sermos mais do que estudantes de biologia presos à massacrante rotina das aulas: ali éramos aprendizes de naturalistas e nos sentíamos como os nossos próprios heróis, em suas andanças por esse enorme Brasil. Uma trupe de meninos idealistas, acompanhados por alguns amigos mais experientes e não menos idealistas, essa era a nova face que aos poucos se instalava naquele museu com “Síndrome de Fênix”.

O companheirismo que ali se estabeleceu entre os então “estagiários do Capão”, veio a ser o estímulo que todos precisávamos para tornarmo-nos zoólogos de verdade. Tenho consciência que tudo o que veio depois só se tornou possível graças a essa primeira oportunidade, oferecida pelo Pedro, de “aprendermos a fazer fazendo” o que fazemos até hoje (*Julio César de Moura-Leite*, Laboratório de Herpetologia, Museu de História Natural Capão da Imbuia, Curitiba, PR).



Sempre fui um grande admirador do mestre Scherer, que conheci no início da década de 80 quando ele já iniciara as suas pesquisas da avifauna do Paraná, com o apoio de Helmut Sick e William Belton. Naquele tempo, poucas pessoas estudavam as aves e o Pedro sempre se destacou com suas pesquisas de campo em diversas regiões paranaenses, buscando por novos registros e informações ainda desconhecidas na literatura científica. Graças a esse esforço ajudou na

expansão dos clubes de observadores de aves que coordenavam uma atividade totalmente desconhecida no Brasil naquela época. Com sua experiência contribuiu para o crescimento dessa atividade e também para o engrandecimento da Ornitologia, pois além de publicar pesquisas inéditas e importantes também incentivava os iniciantes a se firmarem como estudiosos neste ramo. Em 1983, a pedido do Scherer, cedi exemplares do meu livro "Aves brasileiras", com desenhos de meu pai Svend Frisch, para serem a premiação de um concurso realizado no Clube de Observadores de Aves. O hábito de estudar as nossas aves silvestres brasileiras estava definitivamente estabelecido, ainda de forma tímida, mas logo desenvolveu-se rapidamente. Certa vez tentei buscar ajuda financeira para que ele pudesse fazer um estágio junto à *US Fish and Wildlife Service*, mas não consegui. Tentei então apoio do comandante Omar Fontana, que conseguiu passagens para Belém, onde seria possível fazer a conexão para os EUA. Algum tempo depois fui saber que em Belém é que se iniciaram os primeiros passos para a criação do núcleo paranaense do COA, por meio do Pedro, além do Flávio Silva e Maria Alice Fallavena. É uma grande alegria saber que a lista de aves do Paraná completa 25 anos, sendo inúmeras vezes revisada e atualizada pelas mãos do competente amigo. Também me alegra saber que tive uma participação nesse processo todo, o que só me é motivo de orgulho e satisfação. (*Johan Dalgas Frisch, autor do livro "Aves brasileiras", São Paulo*)



Conheci o Pedro justamente em 1980, quando ele publicou o livro “Aves do Paraná”, marco histórico para a Ornitologia Paranaense. Na época eu recém tinha ingressado no Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná e procurei o Pedro para que ele me orientasse nos primeiros passos da Ornitologia. Tenho muitas boas lembranças deste período, quando o acompanhava a campo em suas pesquisas. O estágio que tive também incluía estudo de peles no Museu de História Natural do Capão da Imbuia; durante um tempo de meia hora o Pedro me falava sobre as diferentes famílias de aves ilustrando sua explanação com espécimes taxidermizados. Sou muito grato ao Pedro por toda a dedicação que ele teve comigo e que serve de exemplo para mim agora que oriento vários alunos na Universidade Estadual de Londrina. Desde 1980 vejo o Pedro como um grande incentivador da Ornitologia não só paranaense mas também brasileira, como demonstrou no período de funcionamento do Clube de Observadores de Aves, nos inúmeros Congressos e Encontros que organizou, quando da sua Presidência na Sociedade Brasileira de Ornitologia e nas importantes pesquisas de campo que conduziu. Fica difícil enumerar aqui as atividades desenvolvidas pelo Pedro que contribuíram para o desenvolvimento da Ornitologia. De qualquer forma, a Ornitologia Paranaense não teria se desenvolvida tanto sem a atuação do amigo Pedro Scherer Neto (*Luiz dos Anjos*, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR).





Não precisa nem falar muito! É só darmos uma olhada para os nossos colegas ornitólogos do Paraná: não consegui lembrar de um que não tenha recebido a ajuda do Pedro em seus primeiros contatos com a Ornitologia. E se não do Pedro, certamente teve o apoio de um de seus pupilos. O meu caso é um exemplo da boa vontade do Pedro, apareci no Museu de História Natural do Capão da

Imbuia com apenas 14 anos e fui tratado como se fosse um estudante de Biologia prestes a se formar, aprendendo muito com todo o apoio possível (*Raphael Sobânia*, ornitólogo autônomo e guia de ecoturismo da empresa Na Trilha Certa, Curitiba, PR).



Vi, há muitos anos atrás, um livro fininho com uma gralha azul na capa que listava as aves do Paraná. O Pedro Scherer Neto era o autor. Não conhecia o Pedro pessoalmente. Tinha visto uma foto dele junto a Lenir do Rosário e o Sick na publicação com a lista das Aves de Santa Catarina, de autoria da Lenir. O Ibama (IBDF naqueles dias) em seguida, ofereceu o primeiro curso de anilhamento no País em 1978. Eu estava entre os alunos. O curso foi dado no Parque Nacional de Brasília, tendo como instrutores o William Belton, o Paulo Zuquim Antas, o Sick. Entre os alunos estavam o

Severino do Recife, a Lenir e o Pedro. Foi o meu primeiro contato ao vivo com o Pedro. Amizades de longa data se firmaram. O curso foi um sucesso. Passamos uma semana doando sangue aos carrapatos do cerrado, anilhando muitas aves e observando as mesmas. Registrei a águia-cinzenta no parque. Naqueles tempos ela era uma espécie residente na região e caçava dentro da área do parque. Segundo os guardas, ela predava tatus. Hoje o parque está cercado de comunidades de baixa renda e, certamente, a águia-cinzenta não visita mais no local. Após este contato ao vivo, trocamos algumas correspondências enquanto o Pedro ia formando os ornitólogos paranaenses, dentre eles o Douglas Kajiwara. Pois o Douglas me contou algumas coisas muito legais de sua experiência com o Pedro em termos de aprender a identificar as aves. O Douglas conhece muito bem os sons de muitas aves da Mata Atlântica. Perguntando a ele se ele aprendera as vozes com ajuda com os vários CDs que hoje estão à nossa disposição, ele me respondeu que aprendeu engatinhando pela mata atrás dos sons até encontrar a ave – no melhor estilo usado pelo velho Sick. Isto foi-lhe passado, segundo o Japa, pelo Pedro. Enfim, envio um grande abraço ao Pedro e que continue lutando pela conservação das aves do sul do Brasil (*Jorge L.B.Albuquerque*, Associação Montanha Viva, Urubici, SC).



Minhas palavras sobre a contribuição do Pedro Scherer para o desenvolvimento da Ornitologia, refere-se aos diversos profissionais que formou e que trabalham direta ou indiretamente com pesquisas ornitológicas. Além dos ensinamentos, não foi uma, nem duas, mas várias as vezes que o Pedro desembolsou dinheiro do próprio bolso, para que seus estagiários pudessem participar de pesquisas em campo. Certamente sem isto, muitos destes estagiários estariam confinados ao aprendizado de sala de aula. Eu mesmo fui um dos beneficiados e serei eternamente grato por todo o conhecimento que adquiri sobre a avifauna, em especial sobre as aves de rapina. Então, envio meu muito obrigado ao mestre Pedro Scherer Neto! (*Douglas Kajiwara*, ornitólogo autônomo, residindo em Kosai-shi, Japão).



A primeira vez que vi o Pedro foi por puro acaso. Eu não tinha interesse pela ornitologia, não tinha nem ouvido falar do Pedro e nem sabia muito bem o que estava acontecendo. Um amigo me convidou para ir conhecer o Parque Nacional do Itatiaia. E eu fui. Era o final de semana de Páscoa de 1900 e não sei quanto (quem souber a data precisa, favor NÃO me dizer). Quase chegando lá, me disseram que estava acontecendo um ENOA - Encontro Nacional de Observadores de Aves. "Grande coisa", pensei. Eu queria era andar pela mata, ver rios, bichos, conhecer o parque. E o tal ENOA era uma realização dos COA's. "Ahã", disse eu, sem registrar direito a coisa.

Quando chegamos ao Itatiaia, encontrei um bando de pessoas, todas com binóculos, cadernos de anotação, todos pronunciando nomes completamente esquisitos e desconhecidos pra mim e todos irritantemente entusiasmados em ver um passarinho ou outro. O fato de todas, sem exceção, preferirem dormir em alojamentos cheirando a mofo e ouvir palestras, em vez de estar em suas casas se empanturrando de chocolate no domingo de Páscoa, não contribuiu para melhorar suas imagens perante mim. "Bando de doidos", pensei.

Nem todos, porém, se encaixavam nessa categoria. Conheci um velhinho a quem todos reverenciavam, que falava com um forte sotaque alemão, e que parecia saber tudo sobre as aves, porque sempre que uma dúvida surgia, todos se viravam reverentemente para ele e esperavam que ele se manifestasse. E eu percebi que o camarada sabia das coisas, porque falava com uma segurança e uma tranqüilidade que só os sábios apresentam. Perguntei pra alguém quem era ele: "É Ucique", foi o que escutei como resposta. "ah, é ele?", respondi, pra não passar por ignorante.

Outra pessoa que destacava da multidão era um sujeito alto, cara fechada, voz grossa e caladão. O nome deste outro era mais comum. Fui apresentado ao Pedro, como fui a muitos outros que nem lembro mais o nome. Mas não se esquece o Pedro Scherer. Ele ficava quieto, muitas vezes com os braços cruzados e com uma mão no queixo, não

se manifestava abertamente, mas quando falava, era ouvido e as pessoas balançavam a cabeça concordando. Ah! Ia esquecendo do boné!

Tempos mais tarde, me chamaram prá ajudar na organização do primeiro ENAV – Encontro Nacional dos Anilhadores de Aves. Estava meio à toa, e a pessoa precisava de ajuda, e então fui. Mais uma vez aquele bando de desajustados sociais que gostavam de ver passarinho se reuniu e mais uma vez encontrei o Pedro Scherer. Fato paralelo e relativamente pouco conhecido da história da Ornitologia brasileira aconteceu durante este encontro. O Pedro estava hospedado na casa do organizador do evento e, durante a madrugada, tocou o telefone. Pedro, meio dormindo, saiu do seu quarto às pressas, no escuro, procurando atender a ligação. Foi para a sala, chutou uma caixa do aparelho de som e isso o acordou. E ele se viu numa casa estranha, às 2 horas da manhã, no meio da sala, e só de cuecas. Infelizmente ninguém registrou em vídeo a cena... Fora isso, o que me marcou foi novamente sua presença discreta e efetiva. O Pedro não falava muito, mas o que falava era muito coerente (mesmo prá mim, que não entendia nada da coisa) e era ouvido.

Tempo passou e fui aos poucos, conhecendo e conversando com o Pedro. Sua experiência, sua autoridade e sua discreta presença, marcas que me impressionaram, foram se aliando a uma amizade que considero muito importante. Ele foi meu instrutor quando fiz curso de anilhamento, encontrava-me com ele nos encontros e congressos, fui com ele prá Antártida.

Lá ficamos em ilhas diferentes, e passei noites acordado quando soube que ele tinha passado mal e precisava ser resgatado. Nosso rádio não funcionava direito e passamos momentos tensos entre mensagens cortadas e cheias de estática, até saber que ele havia sido finalmente resgatado e medicado.

O ar aristocrata e a completa competência do Pedro se manifestam em tudo que ele faz. Ao organizar o IX Congresso Brasileiro essas características ficaram expostas e foram alvo de elogios irrestritos de toda a comunidade ornitológica. Nenhum detalhe passou despercebido, nada ficou abaixo do excelente, nenhuma atividade foi negligenciada ou tratada como de menor importância. Nunca vi congresso melhor organizado ou com cartaz mais bonito ou com maior presença de público ou com maior índice de aprovação geral, na ornitologia brasileira. A grande equipe que o auxiliou no congresso muito contribuiu para esse sucesso, mas percebi claramente que essas pessoas não eram dedicadas ao congresso. Eram dedicadas ao Pedro. É esse o estranho efeito que o Pedro nos causa: nunca o ouvi fazer qualquer crítica ou qualquer comentário depreciativo a ninguém. Mas ele conta com nossos melhores esforços e nós nos dedicamos ao máximo para não decepcioná-lo. Sua liderança positiva catalisa nossos esforços.

Quem não o conhece pode se assustar inicialmente com o seu tipão calado e cara fechada. A voz grossa e potente não ajuda muito esse primeiro contato, também. Mas bastam cinco minutos de conversa com o Pedro e ele nos cativa com jeito atencioso e agradável. É um lorde inglês. E fala a nossa língua!! Sei de muitos corações que passaram a gostar mais de ornitologia por causa disso...

Tenho tido recentemente a oportunidade de participar com o Pedro de vários comitês para preservação de aves ameaçadas de extinção, promovidas pelo IBAMA. São reuniões importantes, sérias, algumas vezes complicadas, onde todos têm o interesse em preservar as espécies, mas também onde os métodos e estratégias muitas vezes são conflitantes e, portanto, o “clima está sempre sujeito a chuvas e trovoadas”, como dizia meu pai. E mais uma vez o Pedro imprime sua marca pessoal, agindo de forma educada, coerente, apaziguadora sem, contudo, deixar de ser firme. Suas intervenções nos debates são sempre reverenciadas e acatadas, não por terem sido feitas

pelo “grande” Pedro Scherer, mas porque são o que há de melhor em termos de competência, coerência e eficiência.

Não sei muito bem quem teve a idéia de organizar essa homenagem, mas tenho certeza que o Pedro vai esganá-lo lentamente. Porque o Pedro odeia homenagens e com certeza vai ficar vermelho e sem-graça por uns dois ou três anos a partir da publicação desses textos. Eu fico, porém, feliz em ter sido convidado a participar dela, porque usamos sempre a oportunidade de falar mal de uma pessoa, mas aproveitamos pouco as chances de elogiar as pessoas que admiramos e que fazem nossa vida ser melhor. Obrigado, Pedro! (*José Flávio Cândido Júnior*, Uniãoeste, Cascavel, PR).



Há muitos anos, conheci Pedro Scherer Neto quando eu ainda estudava no curso de Mestrado em Zoologia, na Pós-graduação da UFPR. Pedro era de uma turma posterior a minha, mas nas festas e encontros geralmente o convite a participação era feito aos amigos e colegas da Pós e não se limitava a uma turma, numa determinada época. Após o mestrado, trabalhei durante cerca de um ano e meio na SPVS, onde continuei mantendo o contato com o Pedro.

Por volta de 1987, com base nas conversas que tínhamos durante o curso de Mestrado e incentivado pela necessidade de desenvolver novas propostas de trabalho que promovessem os estudos da fauna no Paraná, no antigo ITCF (atualmente IAP), instituição para a qual entrei em 1986, começamos a apoiar os trabalhos de ornitologia do Pedro Scherer, viajando para o Norte do Paraná, no Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo, em Fênix e posteriormente, para o Noroeste, na Estação Ecológica do Caiuá, em Diamante do Norte.

Foram anos extremamente proveitosos, que serviram para que aprendêssemos muito sobre o Parque de Fênix, como é mais conhecido, sobre sua fauna e sobre a vida, que aprimoraram a amizade com a convivência durante as viagens bimestrais.

De uns tempos para cá, não temos tido mais a oportunidade de viajar juntos, mas mantemos contato eventual e sempre que necessito de um apoio técnico em ornitologia posso contar com o seu auxílio e opinião. Posso dizer que o pouco que aprendi sobre aves, uma boa parte foi com o Pedro Scherer nas fases de campo, de quem comprei o primeiro livro sobre o tema, o livro do Sick, que o Pedro revendia na época para auxiliar na divulgação. E consegui divulgar. Hoje, poucos ornitólogos paranaenses que conheço, não foram orientados pelo Pedro Scherer Neto, e isto muito tem contribuído para as nossas análises no IAP e principalmente, para a evolução do conhecimento sobre as aves que aqui ocorrem, ampliando tanto o número de ocorrências como o de espécies novas para o Paraná (*Mauro de Moura Britto*, Instituto Ambiental do Paraná, Curitiba, PR).





Pessoalmente, Pedro Scherer foi uma das pessoas que muito me animou na Ornitologia após breve conversa no V Congresso Brasileiro de Ornitologia, em Campinas. Depois disso, enviou-me correspondências com interessantes artigos de sua autoria, que muito me ajudaram em meus estudos sobre a História Natural das aves.

Sempre solícito, o Pedro permitiu e facilitou minhas consultas ao acervo do Museu de História Natural Capão da Imbuia. Embora tenha conhecido o Pedro mais nas conversas de corredor durante os congressos, ele sempre demonstrou ser uma pessoa humilde, trabalhosa e aberta. Sou grande admirador do trabalho do Pedro e da contribuição que ele forneceu e continua fornecendo à Ornitologia do Estado do Paraná e do Brasil. Meus parabéns, Pedro! (*Marcelo Ferreira de Vasconcelos*, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG).



Conheci o Pedro Scherer em julho de 1982, durante um curso de observação e identificação de aves, realizado no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, em Santa Catarina. Ele foi um dos orientadores do curso e pude aprender interessantes detalhes sobre técnicas de identificação e estudos de aves em campo. Em setembro de 1982, junto com Maria Ignez Ferolla, convidamos Pedro Scherer para ministrar um curso de observação de aves no sul de Minas Gerais (Passa Tempo) e fundar o COA-MG (Clube de Observadores de Aves em MG). O Pedro exerceu importante papel na criação e desenvolvimento das atividades iniciais do COA em MG. Contribuiu com vários levantamentos em campo. Em 1984, Pedro foi um dos principais incentivadores para a publicação da Lista de Aves do Estado de Minas Gerais. Incentivou também a reedição e atualização desta lista em 1993. Em 1992 lancei o livro "Aves Silvestres em Minas Gerais", e contei com a boa vontade do Pedro em participar do conselho editorial do livro e escrever o prefácio. Enfim, sou muito grato ao Pedro, pois tive o privilégio de iniciar meus conhecimentos na ornitologia sob sua competente orientação e também da Lenir Alda e Helmut Sick. Pedro, desejo muito sucesso, paz e alegria em sua vida. Do amigo mineiro, *Marco Antonio de Andrade* (Belo Horizonte, MG).



Para alguns privilegiados, a inexistência de espaços na academia paranaense para a formação de profissionais na área da conservação da natureza na década de 80 foi compensada pela disposição do Pedro Scherer Neto em abrir oportunidades de atuação no Museu de História Natural Capão da Imbuia. Com seu apoio, iniciativas antes completamente fora das perspectivas destas pessoas puderam ser concretizadas. Marcou nossas vidas o envolvimento como o Clube de Observadores de Aves, os levantamentos

em Guaira, Vila Velha, Caxambu, os anilhamentos na Ilha dos Currais, as contagens de papagaios em Guaraqueçaba e Ilha do Mel, as muitas viagens que fizemos juntos, forjando nossa determinação de continuar nosso caminho procurando colaborar com a conservação da natureza. O estímulo e a orientação do Pedro nesta fase de construção, fundamental da vida de tantos profissionais, representa algo muito especial. Para nós, a própria existência e o respeito que hoje a sociedade dispensa à SPVS, Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental, juntamente com suas realizações, são uma conquista que deve muito aos primeiros passos realizados sob o olhar atento e sempre amigo deste grande ornitólogo (*Mônica Aguiar Borges* e *Clóvis R.S.Borges*, Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental/SPVS, Curitiba, PR).



Quem me apresentou ao Pedro foi o famoso criador francês de aves, radicado no Rio de Janeiro, Dr. Etienne Bérault. Isto aconteceu em novembro de 1976, numa grandiosa expedição que organizei a convite da Academia Brasileira de Ciências e sob a orientação do Dr. Aristides Pacheco Leão. Era minha terceira missão científica no Brasil, num programa de cooperação com a *Ecole Normale Supérieure* da Universidade de Paris, onde lecionava Ecologia de Aves. O objetivo inicial era implantar pesquisas de ecologia de campo, principalmente no Nordeste, mas isto ampliou-se para a criação de uma coleção de referência de gravações para identificação das espécies de aves do Brasil na natureza. Agora era a vez de obter registros sonoros na região Sul. Partimos do Rio e a primeira escala era Curitiba, onde o Pedro nos esperava. É daí que nasceu nossa amizade e longa, ainda que escassa, cooperação.

Pedro sempre gostou de lugares especiais não somente por suas aves, mas também por suas peculiaridades e riquezas ambientais e humanas. Naquela expedição de 1976, Pedro nos levou para Vila Velha, que ainda não era protegida como reserva natural, e através da Baía de Paranaguá, então bastante selvagem. Mais tarde, quando eu tinha finalmente entendido que era melhor me instalar aqui, organizamos outras pequenas expedições, sempre em lugares bem escolhidos pelo Pedro. Tenho lembranças vivas, certamente compartilhadas pelo Pedro, das nossa visitas para a Ilha do Pinheiro, com seu dormitório de *Amazona brasiliensis* (e seu risoto de ostras!), e para a Fazenda Barreiro Rico, do saudoso ornitólogo amador José Carlos Reis de Magalhães.

A mais importante contribuição de Pedro Scherer à ornitologia brasileira foi, ao meu ver, seu incentivo ao desenvolvimento da observação das aves silvestres. Ele participou da criação do COA-Clube de Observadores de Aves, que se espalhou rapidamente para vários cantos do país e iniciou a formação de muitos dos ornitólogos que formam hoje os alicerces da ornitologia brasileira. Tenho certeza que Pedro deve este sucesso justamente a seu amor contagioso pela estética da natureza (*Jacques M.E. Viellard*, Unicamp, Campinas, SP).



Queremos agradecer todo apoio que recebemos do técnico, do profissional e do amigo Pedro Scherer ao Projeto Charão, principalmente quando estávamos iniciando um trabalho de investigação sobre a biologia do papagaio-charão no sul do Brasil. Sua participação, censando a população do papagaio-charão no sudeste de Santa Catarina, sempre nos animou e reforçou a conduzir os trabalhos de conservação. Seu estímulo alimentou posteriormente, nossa busca ampliando o conhecimento sobre a avifauna e a conservação de seus ambientes (*Nêmora Pauletti Prestes* e *Jaime Martinez*, Projeto Charão, Santa Maria, RS).



Ano de 1983: Pedro era diretor do Museu de História Natural Capão da Imbuia e eu, com outros colegas da época, éramos simples estagiários, cursando Biologia. Como natural da idade e da irreverência que vem com ela, os estagiários viviam aprontando naquele Museu. A melhor de todas foi quando no meio da tarde escutamos aquela voz rouca e única do Sr. Pedro Scherer, chamando nominalmente eu e mais alguns que haviam feito "mais uma das suas". No melhor estilo "perco o estágio, mas não perco a piada", fomos para a sala do Pedro vestindo capa de chuva, galochas, guarda-chuva e toalhas a tira-colo esperando aquela bronca (mijada mesmo!) Não deu outra – desarmamos o Chefe e tudo acabou numa enorme gargalhada coletiva.

Esta é uma lembrança de uma época muito divertida e de muito aprendizado. Uma época de confiança, onde Pedro apostou no potencial de cada um que passou por aquele Museu, independente da área de estudo.

Mais tarde, quando optei pela Ornitologia o Pedro foi um dos meus mestres. Muitas coisas fizemos juntos, muitas viagens, todas com algo de pitoresco, muitos trabalhos e relatórios. Em minha biblioteca guardo o livro – *Birds of Venezuela* - um presente do Pedro. Tem a seguinte dedicatória: "Que sirva como estímulo e apoio para seus trabalhos atuais e futuros". E serviu muito! Creio que a maior contribuição do Pedro à Ornitologia e a outras áreas das ciências naturais, foi sem dúvida ter apostado em jovens inexperientes e ajudá-los em suas carreiras, criando oportunidades de trabalho em campo, no museu, junto a outros colegas de profissão, enfim formando uma seqüência de gerações de pesquisadores paranaenses.

Só mais uma coisa: nunca relatem para o Pedro a visualização de uma espécie que ele ainda não viu. Ele não vai acreditar, mas é só inveja! (Lembra, Pedro, do *Eurypyga helias* que eu vi no Maranhão?) (*Aderlene Lara*, FUNPAR, Curitiba, PR).



Não me atrevo ! Deixo para colegas mais habilitados, a apreciação do papel e da importância de Pedro Scherer na Ornitologia Brasileira recente. O relato a seguir é de natureza meramente pessoal. Reminiscências sem importância maior, tenho a consciência. Aqui do Rio de Janeiro, soube da existência do Pedro Scherer, um ornitólogo paranaense, por intermédio de Elias Coelho (UFRJ, falecido prematuramente) e de Helmut Sick;

por certo, lá pelo final dos 70 e início dos 80. Naquela época, já freqüentando o Museu Nacional, eu apenas começava a me concentrar no estudo das aves, abandonando devargazinho a idéia de tornar-me um especialista em mamíferos ou insetos. Naqueles anos, a produção ornitológica brasileira, de artigos e livros, era numericamente acanhada. Diferentemente de hoje, não era difícil manter-se atualizado. Parecia que as novidades bibliográficas nos “esperavam”, por mais tempo, no mostruário da biblioteca. Por isso, lembro-me “com certa minudência” quando encontrei em 1980 o “Aves do Paraná” pela primeira vez, sobre uma mesa no Museu Nacional. Animado pela novidade, apressei-me a escrever ao Pedro, após conseguir o endereço com Sick, para pedir um exemplar e fui atendido. Pessoalmente, o gesto do Pedro teve um significado especial. O seu simpático opúsculo, que neste ano completa 25 anos, foi o primeiro item de minha biblioteca ornitológica recebido graciosamente de um colega pelo correio. Para mim, uma relíquia ! Apenas pude conhecer o Pedro pessoalmente, na condição de Presidente Nacional do Clube de Observadores de Aves, em 15 de janeiro de 1985. Nesta data ele esteve aqui para inaugurar oficialmente o Núcleo Carioca do COA. Desde então, jamais o perdi de vista ! (**José Fernando Pacheco**, Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos/CBRO, Rio de Janeiro, RJ).



Foram duas as ocasiões em que tive o prazer de me aproximar do Pedro Scherer: um curso em Salto Morato (muita chuva, pouca ave, mas muito conhecimento dividido) e no Pantanal, onde testemunhei um pouco do Plano de Manejo da arara-azul. Foi lá que o flagrei vibrando ao ver uma família de jacutingas bebendo água no chão: o grande cientista era uma criança naquele momento, encantado com uma imagem singela. Porém o que acredito ser mais importante, é que sou parte de uma se-

gunda geração, seduzida pela primeira geração que ele criou. Seu trabalho e sua paixão se multiplicam não só no Paraná, mas em todo o Brasil (*Maria Antonietta Castro Pivatto*, ornitóloga, pós-graduanda pela Uniderp (Campo Grande) e guia de ecoturismo em Bonito, MS).



Há 25 anos Pedro Scherer-Neto iniciou a sua carreira científica com a publicação de “Aves do Paraná”, uma obra estratégica para o início da ornitologia paranaense, na ocasião totalmente inexpressiva. Certamente nesta obra está embutida uma parte do conhecimento do seu orientador, o Dr. Helmut Sick, um dos mais, ou até, o mais importante ornitólogo brasileiro, com qual também tive a oportunidade de compartilhar algumas idéias na minha época de estagiário no Museu Nacional (1961-1966), na proximidade da sala do mencionado pesquisador. Creio que para Pedro Scherer-Neto foi uma sorte e também um privilégio, poder ter tido este eminente zoólogo brasileiro como orientador. Como resultado disto, um bom aluno não poderia ser diferente, tornando assim um marco fundador da ornitologia paranaense. Embora não seja ornitólogo, pois estudo animais até certo ponto semelhante, também coloridos, bonitos e que voam com leveza - as borboletas, posso afirmar que Pedro, com a sua iniciativa, está à frente dos ornitólogos paranaenses, a maioria por ele formados. Espero que continue esta luta no conhecimento da ornitologia paranaense, pois só assim poderemos aprender sobre os nossas aves. Para podermos conservar a nossa biodiversidade, em primeiro lugar necessitamos conhecê-la (*Olaf Hermann Hendrik Mielke*, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR).





Falar do profissional seria como chover no molhado; todos sabem de sua competência e dedicação durante todos esses anos de trabalho.

O Pedro que mais admiro é a pessoa, o homem de coração gigante, terno e de confiança inabalável.

O maior feito que uma pessoa pode realizar nesta vida é através de seu trabalho e personalidade, melhorando a vida das pessoas que estão a sua volta. E o Pedro faz isso como poucos! Todos os seus "filhos, sobrinhos e netos" vão continuar usando suas lições para a vida e - quem sabe - poderão um dia, ensinar à futuras gerações, tudo aquilo que o Pedro nos ensina todos os dias, de como ser uma pessoa

melhor e de como para se ter uma vida plena é necessário nada mais do que amor àquilo que se faz, além da confiança e dedicação às pessoas que estão à nossa volta.

Pedro: obrigado por tudo isso e, claro, parabéns pelos vinte e cinco anos do "Aves do Paraná"! (*Tiago Venâncio Monteiro*, Idéia Ambiental, Curitiba, PR).



Pedro, você ocupa um grande espaço em meu coração! Um dos colegas por quem tenho o maior respeito pela seriedade e exemplo com que conduz suas pesquisas e seus orientados. Tive o grande privilégio de participar de seus trabalhos e também de compartilhar de sua amizade. No início, lá no Capão da Imbuia, fomos à Ilha do Cardoso (Cananéia, SP), ver o início de instalação da estação de ostricultura, com o sudos Laguinho, lembra-se? Também com o Franklin e Roderjan, iniciamos os primeiros RIMAs para o estado do Paraná? Com o Roder, na APA de Guaraqueçaba, você nos mostrou a importância da vegetação para os papagaios-de-cara-roxa? Na ilha das Peças, a importância das árvores mortas para os ninhos dos papagaios? Com a Silvia Ziller e minha filha Maura você nos ensinou a anilhar as aves da ilha dos Currais? E no RIMA Capivari-Cachoeira, além do trabalho, lembra-se do *yakisoba* em sua casa lá em Morretes e do "*frango avec arisquê*" do Franklin? Para mim, são inesquecíveis!

Meu caro amigo, um grande abraço e muitas homenagens que você merece, felicidades e um beijo no coração ! (*Yoshiko S.Kuniyoshi*, Escola de Florestas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR).



Conocí a Pedro Scherer en congresos de ornitología. Pero en enero de 1997 fui a Curitiba, y a pesar de la lluvia, organizamos salidas de campo. La que mas recuerdo fue una salida a la zona de Castelhanos y Fazenda Guaricana, donde (junto a estudiantes de Pedro) fuimos en un jeep Toyota que mucho me gustaría tener. Resultó un excelente

sitio de Mata Atlántica, donde conoci algunas aves nuevas para mi, como *Malacoptila striata*. Y me acuerdo de la excesiva mansedumbre de las yacúes *Penelope obscura bronzina*, que se negaron a ser fotografiadas en un entorno natural.

En marzo de 1997 Pedro vino a Buenos Aires con otro estudiante, y un día salimos a ver aves al zona de Ibicuy en el delta del Paraná. Había mucha sequía y por eso vimos pocas aves. Creo que solamente *Parabuteo unicinctus* y *Amblyramphus holosericeus* interesaron a Pedro. Tuvimos mala suerte, porque en Ibicuy apareció algunos años después una población de veste amarela *Xanthopsar flavus*. O tal vez esa población no existía en 1997, quien sabe (**Rosendo Fraga**, Aves Argentinas, Buenos Aires, Argentina).



Não sou ornitóloga, mas convivo muito com esses estudiosos. No decorrer de minha caminhada incessante em busca de amigos, parceiros e, enfim, de um ideal perene, me sinto no direito de falar do Pedro. Parabéns, amigo! Muitas vezes, quando acompanho de fora algumas reuniões técnicas cheias de nomes em latim, ouço o nome do famoso Pedro e logo penso: estão falando do meu paciente, da pessoa que se tornou um membro da minha família. Foram tantos momentos importantes de amizade que pudemos compartilhar... Parabéns, sogro Pedro! E que cada dia seu se torne mais uma vitória. Você merece! (**Viviane C. Moniz Barreto**, cirurgiã-dentista em Curitiba, PR).

*



Inciei meus trabalhos ornitológicos sob a orientação de Pedro Scherer-Neto. Lembro-me de ficar boquiaberto com as identificações que àquela época eram impossíveis para mim; olhando a silhueta de um pássaro de dentro do carro, quando voltávamos de uma campanha de campo com observações fantásticas, disse ele:

- *Piá, que passarinho é aquele?*

Aliás, essa pergunta ressoa até hoje quando vejo alguma ave que desconheço ou cuja identificação é difícil, só que eu mesmo a faço, imitando a voz grave característica de nosso homenageado. Em algumas ocasiões, escuto-a sendo repetida por ele a ornitólogos iniciantes e, imediatamente, uma pequena risada escondida e incontida se alastra por minha alma.

Eu nem sequer conseguia achar o passarinho. Mas para não passar vergonha perante meu professor disse quase que imediatamente que não sabia. Logo ouvi:

- *Mas que barbaridade! Não está vendo que é um Thraupis sayaca?* – fala ele.

Nesse instante finalmente tinha localizado o alvo da observação; e não é que era mesmo?!

Pronto! Aumentava ainda mais a minha profunda admiração por um homem que dedicou sua vida ao estudo das aves.

O prazer de poder acompanhá-lo por alguns anos em campanhas de campo é algo indescritível e são tantas as “façanhas” desse brilhante ornitólogo brasileiro que algumas ficarão especialmente guardadas em minha memória.

Por exemplo, retirar de sua sacola, ao final de horas concentrados em uma pequena embarcação contando papagaios-de-cara-roxa, taças e uma garrafa de vinho para aproveitar a bela paisagem que o que restava do crepúsculo nos proporcionava ao final do trabalho, exemplifica muito bem o quão prazeroso aquele momento tinha sido para ele. Para mim restava perguntar: como transportar taças de cristal com tantas adversidades àquele material sem quebrá-las? De qualquer maneira, o vinho estava uma delícia, até mais saboroso devido as taças tão singelas e pela paisagem paradisíaca.

A propósito: a imitação de *Amazona brasiliensis*, dentre outras aves (*Euphonia chlorotica* e *Turdus subalaris*, por exemplo), feitas por Pedro são muito boas. Um pouco roucas, mas quase perfeitas... Acredito que com pavós (*Pyroderus scutatus*) ele se sairia muito melhor.

A contribuição de Pedro Scherer-Neto à ornitologia brasileira não se restringe, portanto, à sua produção bibliográfica, à curadoria do acervo ornitológico do Museu de História Natural Capão da Imbuia (em Curitiba), dentre tantas outras atividades. Miscigenando o amor às aves e às pessoas, agregou inúmeros estudantes à sua volta e com muita dedicação foi responsável pela formação de ornitólogos destacados nessa ciência (Fernando Costa Straube e Luiz dos Anjos exemplificam de modo glorioso).

Ressalta-se, ainda, o período em que iniciou suas atividades. Inserido em um cenário político brasileiro em que o desenvolvimento econômico sobressaía-se sobre quaisquer outras atividades, teve que conviver com o pouco fomento, de um modo geral, às ciências biológicas, engajando-se com seus próprios recursos em expedições exploratórias em um Estado que detinha muitas lacunas no conhecimento ornitológico.

O caminho percorrido por Pedro ao longo de mais de três décadas de estudos ornitológicos, portanto, não foi em todo momento apazível, houveram muitos obstáculos que não poderiam ser expressados em poucas linhas, mas que, de uma maneira ou outra, certamente serviram para firmar a ornitologia como uma ciência destacada no Brasil e, mesmo, no exterior.

Sua abnegada busca pelo conhecimento acerca das aves neotropicais rendeu-lhe o reconhecimento pelos ornitólogos brasileiros, tornando-se presidente da Sociedade Brasileira de Ornitologia (SBO); fez dele um dos precursores na prática do anilhamento de aves silvestres; membro de vários comitês para a preservação de espécies ameaçadas, destacadamente para a ararinha-azul (*Cyanopsitta spixi*), arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari*), mutum-do-nordeste (*Mitu mitu*), dentre outros; e, por fim, essa justa homenagem por todos aqueles que puderam em algum momento compartilhar de sua companhia.

É difícil falar de alguém que se admira e ama tanto sem que se repasse ao leitor uma espécie de “glorificação” do homenageado. Percebo isso em vários relatos de filhos, netos e/ou outros parentes ao tratar de seus antepassados famosos. Mas como sou um dos “filhos” do Pedro, não poderia deixar de seguir tal tradição, não é mesmo?

Abraço a todos leitores e um muito especial a você “pai” Pedro! (**Alberto Urben-Filho**, Mülleriana: Sociedade Fritz Müller de Ciências Naturais, Curitiba, PR).



Pedro Scherer Neto esteve presente em praticamente todos os passos da minha vida profissional, primeiro como um mentor e orientador durante a minha formação, depois como um incentivador e colaborador ao meu ingresso no meio científico como pesquisador. A ele devo os conhecimentos passados em campo e o exemplo de profissional competente, sério e ético. Quando o conheci era apenas meu orientador, uma pessoa reservada, de pouca conversa, que não dava brechas para brincadeiras, mas que com o tempo se tornou mais próximo, revelando-se uma pessoa acessível, engraçada e brincalhona, porém sem deixar de ser um profissional sério e exigente, com seu jeito “marrento” de ser. Assim tornou-se mais do que um mentor, um orientador, um incentivador ou um colaborador, tornou-se um grande amigo, com o qual tenho a certeza de contar seja profissional ou pessoalmente e de quem tenho orgulho de dizer que sou discípulo (*Louri Klemann Júnior*, Idéia Ambiental, Curitiba, PR).



Quando conheci Pedro Scherer no final da década de setenta, eu era uma estudante de graduação, principiante no estudo de campo e que almejava estudar etologia através do comportamento dos quero-queros.

Pedro foi um dos primeiros pesquisadores a quem fui procurar no Museu de História Natural do Capão da Imbuia, por sugestão do Prof. Vinalto Graf, em busca de informações biológicas do quero-quero.

Nunca mais esquecerei a maneira educada, tranqüila, paciente com que me auxiliou fornecendo as respostas que tanto necessitava naquele instante.

Passei a participar, a seu convite das reuniões do COA. Ali fui apresentada por ele a muitas pessoas maravilhosas, dentre as quais dois admiráveis amigos e pesquisadores Fernando Straube (o caçula da turma) e Luiz dos Anjos.

Como disse o filósofo Sêneca “longo é o caminho ensinado pela teoria. Curto e eficaz, o do exemplo”. Na minha jornada profissional, “Dom Pedrito” é um paradigma de ser humano e pesquisador que através do seu caráter, idealismo, competência, seriedade e educação emana uma luz que várias gerações de pesquisadores vêm usufruindo como fonte de energia e sabedoria.

Devo confessar que com Pedro aprendi que somente os que têm convicção aceitam o desafio de vencer. E que o bom resultado advém da satisfação de poder trabalhar e principalmente que viver é transformar sonhos em realidades.

Parabéns, Pedro! pelo seu maravilhoso trabalho em prol da ciência, da ornitologia do Paraná e do Brasil com projeção internacional. Saiba que não é possível falar na etologia do Paraná sem referenciar o seu nome como um dos inspiradores.

Acredito que uma frase citada por Konrad Lorenz (1903-1989) aplique-se ao espírito jovem que você conserva: “*Um belo exercício matutino para o pesquisador é criar uma hipótese qualquer todo o dia antes do café da manhã. Isso o manterá jovem*” (**Leny Cristina Milléo Costa**, Núcleo de Estudos do Comportamento/NEC, Pontifícia Universidade Católica do Paraná-PUCPR, Curitiba, PR).



É difícil demonstrar com palavras minha gratidão e admiração a esse grande amigo. Nesses anos de convivência só tenho a agradecer a atenção e as oportunidades. O Pedro é uma figura única com seu jeito engraçado e brincalhão por trás dessa cara de mau que tantos temem. Ele acha que é marrento, mas não é coisa nenhuma! É presença até em campo: toma banho, faz a barba e passa perfume para ver passarinho no mato. Sem falar no tradicional vinho com frios durante o pôr-do-sol. Fico satisfeito em contribuir com essa merecida e verdadeira homenagem a essa pessoa tão importante para muitos de nós. Obrigado pela grande amizade: gostamos muito de você, Pedro! Como um de seus discípulos, garanto que o esforçado trabalho iniciado décadas atrás terá continuidade por muitos anos (**Raphael Santos**, Museu de História Natural Capão da Imbuia, Curitiba, PR).





Como as lembranças da infância (e outras nem tão longínquas assim) estão desaparecendo da minha vaga memória (aliás, põe vaga nisso), acho que desde sempre quis estudar tucanos. Assim, depois de anos trabalhando com essas incríveis criaturas em cativeiro no Rio Grande do Sul, vim a Curitiba em 1989 para conversar com Pedro Scherer Neto, um dos mais respeitados ornitólogos do país - um ídolo! Porém, quem eu encontrei foi o Pedro (além do Fernando, que sempre lembra dessa passagem da minha vida...), aquele que todos nós conhecemos ... simples e sofisticado, alegre e melancólico, maroto e sério, mas sempre disposto a

ajudar e a ensinar. A conversa aconteceu no Museu de História Natural do Capão da Imbuia e eu estava determinada (característica, aliás, um pouco marcante da minha personalidade...) a estudar a biologia de ranfastídeos na região de Guaraqueçaba - PR, cuja localização ou características, por sinal, eu desconhecia completamente. Mas isso era só um detalhe, pois alguém havia me falado que lá haviam muitos tucanos e era só o que me importava. Assim, uma vez exposto este “brilhante” projeto, Pedro me fez apenas duas perguntas: “- *Você tem um carro?*” e “- *Você vai trabalhar com outras pessoas?*” Diante das respostas, “Não.” e “Sim.”, respectivamente, Pedro calmamente explicou quão inviável era aquele “projeto”. O que para muitos teria sido simplesmente “um balde de água fria”, foi o melhor ensinamento sobre viabilidade de projetos que já recebi e uso sempre esse exemplo quando estudantes me procuram com projetos tão “brilhantes” quanto o meu. Porém, não bastasse esse ensinamento, Pedro me indicou uma outra área onde meu projeto seria viável, o Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo – PR. Os que me conhecem sabem que não é exagero dizer que essa indicação mudou o rumo da minha vida. Visitei a área, adorei e nunca mais deixei de trabalhar lá, fosse com tucanos fosse com outros tantos temas, mas sempre com um sentimento enorme de gratidão à pessoa que me levou até ela. Obrigada Pedro! Apesar de um pouco distante (Deus sabe em que sentido, pois neste momento estou na minha casa, que fica a pouco mais de 100 m de distância da sua...), tenho em você um grande amigo, a quem admiro DEMAIS. Beijinhos, Sandra “tucano” (adoro quando escreve meu nome assim, como na dedicatória do livro “Aves do Paraná”, de 1995, onde se lê: "A Sandra 'tucano' com a admiração pela sua vontade e o progresso observado nestes 'séculos' de convivência no P.E. Vila Rica. Pedro Scherer Neto". (*Sandra Bos Mikich*, Embrapa Floresta, Colombo, PR)





O ano de 2003 foi quando conheci o Pedro Scherer Neto e pude conviver com esta grande pessoa. Passei um bom tempo estagiando com ele no MHNCI e, no primeiro instante, ele me pareceu uma pessoa séria, correta, muitíssimo gente fina e com um estilão engraçado, meio brabo. Eu sabia que estar ali na salinha da coleção ornitológica do museu toda manhã não era brincadeira, e que 'cagadas' não podiam acontecer. Com o tempo, fui convidado a ir pra campo com ele. A primeira vez foi fazendo inventário numa fazenda em Pirai do Sul, PR. A

partir daí grandes idas pra campo aconteceram, a maioria com muita bicharada. Em campo o PSN é muito figura. Sempre num visual *chic* e com seu tradicional bonezinho. Com o Pedro não falta um café da manhã campeão antes de sair logo cedo pra caminhar e uma azeitoninha com um bom vinho no fim de tarde, além das balas de goma, bolinhos e docinhos nas viagens. No campo ele é gatilho e se emociona com um bicho 'presença' ou um lugar 'show', transmitindo sempre uma energia muito bacana. Com ele aprendi muito e criei uma amizade muito legal e de confiança. Sou muito grato a ele por tudo que já fez por mim e estou certo que sempre irei admirá-lo como pessoa e ornitólogo. Um grande abraço, Pedro, e parabéns pela suas conquistas e história. Você é o cara!!! (*Eduardo Patrial*, Museu de História Natural Capão da Imbuia, Curitiba, PR).



Sempre que estou em campo agradeço por ter conhecido o Pedro na época que conheci, pois graças a esse encontro tive a oportunidade de começar meus estudos ornitológicos e decidir o que iria fazer de minha faculdade. Assistir a uma palestra da forma apaixonada com que ele fala sobre as aves faz com que qualquer um também se apaixone pelo grupo, no meu caso se tornou uma grande motivação para iniciar na

ornitologia. Além de um ótimo orientador no qual sempre incentiva e demonstra confiança se tornou um amigo e um ótimo orientador para a vida, no qual sempre procuro me inspirar. Sinto saudades quando lembro da primeira vez que fui a campo, e ele dizia o nome científico das espécies que estavam vocalizando e devido a sua voz grossa eu não conseguia entender direito e passei dificuldades para traduzir minhas anotações. Aproveito esta chance para agradecer por mim, pelas aves e pela ornitologia paranaense (*Arthur Â. Bispo*, Sociedade Fritz Müller de Ciências Naturais, Curitiba, PR).



Tive o privilégio de conviver, trabalhar, ir a campo e desta forma aprender um pouquinho do muito que Pedro Scherer Neto tem coligido, compilado e acumulado em conhecimentos que ultrapassam grandemente o campo da ornitologia sul-americana, e transcendem a ambiente, paisagem, ecologia, história natural, sucessão vegetal, historiografia, conservação, sempre entremeados de camaradagem, coleguismo e parceria. É de um sabor todo especial ter convivido com cenas inesquecíveis e memoráveis, da mais pura alegria, satisfação e realização, quando o Pedro, em muitas oportunidades, encontrou em campo uma ave rara ou uma ocorrência nova para a localidade, – sempre a avistando antes de qualquer outro mortal que estivesse no grupo e com uma efusividade desmedida e cabida, festejou o fato dividindo este momento precioso, só compreendido por alguém que já esteve em expedições de pesquisa e se sentiu tocar pela magia de compor um grupo com interesses comuns e que conseguem fazer de momentos de contemplação e interação com a paisagem e a natureza, seu trabalho e seu prazer. Este é Pedro em campo, o primeiro a acordar, aquele que aproveita os momentos de repouso para fazer uma caminhada aumentando a sua lista de aves identificadas. Aquele que adora contribuir com novas informações de evidências de espécies de outros grupos que em seus percursos avistou, - especialmente quando a equipe responsável ainda não havia identificado a espécie em questão. Ainda em campo, a oportunidade de convívio com o Pedro é enriquecedora e surpreendente, é uma fonte inesgotável de informações, íntimo e profundo conhecedor da avifauna e suas inter-relações com o meio, parece adivinhar a presença das aves pelos seus movimentos sutis, meneios e vôos mais discretos, reconhecendo as espécies em cada um de seus diversos aspectos, gestos e silhuetas em quaisquer condições de luz, seja em ambiente aberto ou no interior da mata densa. Pedro Scherer Neto é de fato a base sólida da ornitologia paranaense e uma pessoa que dá grande orgulho poder chamar de amigo (*Rogério Ribas Lange*, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR).



Pedro, eu nunca tive a oportunidade nem o prazer de trabalhar diretamente com você, muito embora tenha sido meu primeiro “chefe”, em 1991, lá no MHN do Capão da Imbuia. Lembro-me como se fosse hoje quando te parei no corredor e disse: “seu Pedro eu queria fazer algum trabalho aqui”. Depois, tomei conhecimento de quem você era e da importância dos seus trabalhos para a ornitologia. Assim, logo pude me juntar àqueles que já te admiravam e respeitavam. O tempo foi passando, estreitamos os laços e hoje me orgulho de ter em

você um amigo. Você já sabe, mas nunca é demais lembrar o carinho e a admiração que tenho por você. Um grande abraço! (*Márcia Cziulik*, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR).



Meu primeiro contato com o PSN ocorreu em junho de 1994, juntamente com o amigo Cassiano F. Ribas, quando ainda estávamos cursando o primeiro ano de Biologia na PUCPR e já decididos a trilharmos uma carreira ornitológica. Nos encontramos às 6:30 h de uma manhã nublada, apreensivos em conhecer o grande ornitólogo, que chegou com alguns pôsters de aves nas mãos, apresentou-se com o vozeirão singular, nos presentiu com um pôster (araras e cacatuas) e imediatamente mandou que entrássemos na sua Ford Belina marrom, com aquela pressa que lhe é peculiar.

Seguimos para a área de estudo, atualmente onde situa-se o reservatório do Irai, município de Quatro Barras, Paraná. Chegando lá outras pessoas já estavam desenvolvendo o estudo (captura de aves em rede-de-neblina), todos funcionários do MHNCI (Seu Adão, Sagüi e Luiz Macedo) além do Douglas Kajiwara.

Ouvimos algumas recomendações e fomos para a prática, lembro da grande quantidade de *Columbina talpacoti*, *Zonotrichia capensis* e *Volatinia jacarina* capturados... Quando o PSN tirou de um saco de pano uma ave de topetinho vermelho e perguntou: " - *Que passarinho é esse, piá ?*" Eu e o Cassiano falamos tico-tico-rei, ele nos olhou com espanto e retrucou: " - *Tico-tico-rei nada! Coryphospingus cucullatus...e tratem de começar a apreender nomes científicos*".

Naquela mesma tarde tivemos a oportunidade de nos deslumbrarmos com diferentes espécies de aves e realmente tivemos a certeza de seríamos ornitólogos. Então chegou a hora do almoço, e lá estava PSN sentado em sua cadeira de rei, embaixo do seu colorido guarda-sol, com a maior coleção de melecas comestíveis que se possa imaginar...olhou para todos e falou: " - *Podem mandar ver porque eu já fiz o meu pãozinho...*".

O restante do dia foi um corre-corre para tirar passarinho da rede, além de várias bicadas de trinca-ferros e pitiguaris; quando eu retirei da rede e levei para o anilhamento um macho de coleirinho (e como já gostava de *Sporophila's*) falei: " - *Que legal! Um coleirinho...*" PSN olhou e imediatamente falou: " - *Legal nada! Passarinho mais bobo... Legal é saci!*".

Depois desse dia se passaram onze anos de convivência, amizade e consideração, de tantas e tantas viagens, com chuva e sol (às vezes muito de cada um), com alegrias e tristezas, realizações e decepções no Paraná, Brasil e Exterior...

Outros relatos:

Agosto de 1997: voltávamos juntos de Guaraqueçaba quando, próximos ao rio Cachoeira, PSN disse que estava com um pressentimento estranho: iríamos ver um bicho show! Minutos depois ele avista e imediatamente grita: " - *Pilherodius pileatus*" e assim passou sobre nós um indivíduo dessa espécie rara no Paraná.

Novamente, ficou calado e pouco depois falou: " - *Eu disse: PSN é PSN !*".

Estação Ecológica do Caiuá: lá estávamos nós dois e dois funcionários do IAP (Djalma

e Robertinho) no rio Paranapanema, procurando aves em suas margens quando, de repente, PSN fala: " - *Tem arara vindo aí...*". Olhamos para o céu, o silêncio toma conta de todos e lá estão seis araras-vermelhas, maravilhosas. PSN pede para parar na margem, pica uma folha de papel e joga para cima, imitando confetes no carnaval. Novamente olha para todos e fala: " - *Eu sou demais!*" E todos caem na risada.

PSN, Carlão Bianchi e eu, na busca de araras-azuis-grandes, pela Chapada das Mangabeiras. Naquele dia havíamos rodado 450 km e nadinha de arara quando, de repente, o mestre exalta: " - *Aqui tem arara. Se tem palmeirinha, tem escarpa de pedra, tem que ter arara!*" Paramos em uma estrada, ele imediatamente grita: " - *Arara! Estão no chão comendo coquinho!*". Sobe apressadamente na caçamba da Toyota e avista mais de 100 araras juntas em um campo cerrado que havia sido queimado, comendo piaçava e catolé. Estica imediatamente a mão para mim e o Carlão e diz: " - *PSN é PSN...*".

Metrô de Paris, aquela confusão de gente e trem pra lá e pra cá e lá fomos nós, quando PSN olha e diz: " - *Fiz coisa!?!*" Havíamos pego o trem para o lado contrário. Resolvida a confusão, agora no trem certo, ele olha novamente e diz: " - *Eu sou demais da conta! Pode me bater!*".

Esta foi contada pelo Luiz Macedo (taxidermista de aves do MHNCI): O PSN chega em uma panificadora, olha para os doces - sempre os doces - e pede para a atendente: " - *Senhorita, sirva-me um choco-milk e um sonho de nata daquele ali*", apontando para o maior e com mais recheio exposto no balcão. Todos dão risadas incansavelmente".

Ficou uma certeza: Valeu, PSN! Você é e sempre será o "chancellor" e o "passaporte" que tanto contribuiu na minha vida pessoal e profissional. Do seu filho da geração F-2: **Eduardo Carrano** (professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR).



Posso dizer que conheci o Pedro em duas etapas. Primeiro o famoso nome do tal ornitólogo paranaense, associado àquela sisuda figura germânica escondida debaixo de um bonezinho; depois, o grande amigo: simples, engraçado, atencioso, rabugento, elegante, com manias e trejeitos que são típicos apenas dos famosos. Por muitas vezes, ao manifestar estas características de sua personalidade, surgiram situações únicas, fazendo do nosso amigo um alvo

de estórias hilárias e curiosas. As semelhanças entre nossos objetos favoritos de estudo, os papagaios e as araras, fizeram com que nos aproximássemos e viéssemos a trabalhar juntos por diversas vezes. Considero o Pedro não apenas um grande parceiro de idéias e discussões, mas, sobretudo, um inestimável amigo, assim como é inestimável a sua contribuição à ornitologia brasileira (Carlão: *Carlos Bianchi*, Ibama, Brasília, DF)



Conheço o Pedro há 25 anos. Graças a ele tive a oportunidade de trabalhar com mamíferos marinhos no Museu de História Natural. Naquela época encontrei uma orca no litoral de Santa Catarina. Como eu era estagiário da dra. Mônica Montú (que saudades!) do antigo Centro de Biologia Marinha, quando resgatei o esqueleto completo levei-o para lá. Qual não foi meu espanto que o diretor da época encaminhou o material, sem meu conhecimento, para o Departamento de Morfologia da UFPR. Quando consegui resgatar este material, fui acolhido pelo Pedro, na antiga Divisão de Geologia e Zoologia da PMC, para que pudesse efetivar o início da minha profissão, como estagiário desta instituição e trabalhando com o que eu gostava, o que resultou em meu primeiro trabalho publicado sobre osteologia de *Orcinus orca*.

A partir daí, inúmeras oportunidades me foram oferecidas pelo Pedro:

- Contar papagaios na Baía dos Pinheiros;
- Aproveitar a oportunidade e observar os botos da Baía das Laranjeiras e observar as bioluminescências dos canais desta baía quando regressávamos à noite;
- Ser cozinheiro na casa do Ibama na Ilha dos Pinheiros, enquanto rolavam as reuniões de alguma sociedade de pesquisa ou conservação que o Pedro coordenava; saborear as ostras que um senhora ilhoa bem velhinha coletava nas pedras próximas à ilha; tentar dormir apesar do ronco do motorista - seu Amauri;
- Participar do 1º Curso para Observadores de Aves; fazer *play-back* para a corujas durante a noite e passar um grande susto: agüentar os pernilongos da fazenda da Universidade Federal do Paraná em São João do Triunfo;
- Participar da fundação do COA-PR;
- Participar com ele e a Dra. Mônica Montu da Operação SUESTE no Navio Almirante Saldanha, e ver o Pedro ter um "orgasmo ornitológico", quando estávamos bem ao sul do litoral brasileiro e ele avistou um albatroz, aquele com as asas bem compridas;
- Participar com a Yoshiko, o Roderjan, o Franklin e o Milano dos trabalhos da Fundação de Estudos Florestais/FUPEF da Escola de Florestas da UFPR e muitos outros trabalhos.
- "Agüentar" o Jacques Vielliard em um curso de Bioacústica, do qual o Pedro não pode participar ou não quis...
- Visitar esporadicamente a chácara dele em Morretes;
- Viajar de Opala Comodoro... que chique! Mas, na maioria das vezes era de Kombi;
- Contar com a ajuda do Pedro quando começamos a fazer a recuperação de uma baleia de Bryde, na praia deserta do Superagüi. Que fedor! Tentamos descarnar

- o animal de 15 metros com foices;
- Conviver com ele durante vários anos, primeiramente como estagiário e depois como companheiro de trabalho, quando fui contratado para trabalhar no Museu e finalmente como coordenador da referida divisão.

E muitos outros fatos, todos importantes numa fase muito boa de minha vida (*Marcio Luiz Bittencourt*, Bio-Lógica, Curitiba, PR).



Conheci Pedro Scherer Neto há cerca de 12 anos, quando meu marido e eu começamos a construir o Parque das Aves, em Foz do Iguaçu. Desde aquela época ele nos apoiou como amigo e ornitólogo. Os anos se passaram, o seu entusiasmo continua e minha amizade e admiração (assim como a de todos membros de nossa instituição) só cresceu. Hoje ele nos ajuda a desenvolver projetos de conservação: seu conhecimento nos dá força; seu entusiasmo nos inspira a agir. Pedro, parabéns ! (*Anna Croukamp* e equipe do Parque das Aves, Foz do Iguaçu - PR)."



Conheci o Pedro na época da Apresentação de Monografia do Curso de Bacharelado em Biologia da PUCPR. Quando estivemos atuando em Tijucas do Sul (sudoeste da capital do Paraná), uma vez saímos juntos ao Morro Santa Clara, sob a supervisão do mateiro Sr. Belmiro, que nos acompanhava e mostrava o caminho (a trilha). Eu? Parando e a passos lentos. À medida que "subia" o Morro ia coletando as minhas plantinhas (criptógamos). Lá pelas tantas, eu quase me perdi, pois, ficamos para trás, enquanto o Pedro Scherer desaparecia entre as árvores e da trilha, observando as "suas aves". Salvaram-se todos. Cada um realizando a sua tarefa como "exploradores" e cientista. À noite, após um belo banho e com muita fome, inventávamos o nosso jantar. Um deles foi "sukiyaki", principalmente porque estava uma noite fria. Foi uma noite inusitada e divertida. O mais espantoso foi notar a presença de um papagaio "engaiolado" na porta de entrada de uma residência e o coitado repetia a palavra "loro, loro, dá o pé loro". Acordava muito cedo, apesar do frio. Com binóculos no pescoço e contador na mão, seguidos por estagiários, principalmente os novatos que não entendiam nada sobre o censo ou quando citava nome científico de uma ave que passava a muitas alturas ou gorjeavam no meio dos ramos de uma árvore. Pessoa iluminada e respeitada no meio científico tanto do Brasil quanto internacionalmente. Sempre acompanhado por Fernando Straube, que pareciam pai e filho. "Não existimos isolados, somos parte de uma história maior, parte dela escrita, parte que será escrita por nós e parte que passaremos a outra para que a completem..." (Leo Bucaglia). (*Madalena*

T. Shirata, Laboratório de Botânica, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR).



Oi, Pedro! Parablenizo-lhe do fundo do coração, pelas suas "*bodas de prata científicas*", sua profunda dedicação à ornitologia do Paraná, cuja contribuição é e sempre foi valiosíssima ao conhecimento científico e à divulgação. Igualmente sua amizade e carinho são preciosos e atemporais para todos nós, a distância física em nada interfere... Felicidades, amiguinho ! (**Luzimara Fernandes Silva Brandt**, CRS Ambiental Ltda., Belo Horizonte, MG).



Na Serra do Mar, entre uma escalada e outra, a natureza nos surpreende com manifestações espetaculares, sejam elas de paisagens, vida silvestre ou da arte botânica! E como as montanhas do Paraná são consideradas a escola natural de ilustres pesquisadores e amigos, lembro das referências e ícones das ciências naturais serranas... Para acalmar curiosidades e identificar as manifestações bióticas e abióticas,

indagávamos sobre a formação da Serra do Mar ao Bigarella ou ao Salamuni, marumbinismo ao Vitamina, primeiras escaladas ao Erwin Groeger, fotografia ao Helmuth Wagner; sobre as plantas ao Gert Hatschbach, os mamíferos ao Rudolf Lange, a conservação ao Beto Lange, e as aves ao sempre acessível Pedro Scherer; assim eram e ainda são alguns dos principais vultos serranos.

Mas foi convivendo com outros pesquisadores em campo, que a real dimensão e importância do Pedro se faz mais presente! Ainda hoje desconheço, pesquisador ou professor de ciências naturais que tenha formado, ou influenciado tão qualitativo grupo de pesquisadores atuantes! Não seria nem justo denominá-los, mas não há área protegida no Paraná, ou recanto natural que não tenha observações ou trabalhos publicados que o Scherer não esteja direta ou indiretamente associado!

E posso afirmar que encontrá-lo pesquisando, ou mesmo um de seus “filhos ornitológicos” tem sido uma constante na minha vida, seja na Estação Ecológica do Caiuá, no Parque Estadual Vila Rica de Fênix, Marumbi, Parque Nacional na Serra da Prata, Parque Nacional do Iguaçu, Ilha Grande, Superagüi ou mesmo no ambiente acadêmico que ele ou seu mitológico nome e suas inúmeras contribuições científicas sempre se fazem presentes.

Foi dividindo o quarto nos trabalhos para o Documento das Áreas Prioritárias para Conservação da Mata Atlântica (MMA, 1999), é que descobri que o Scherer também é gente! Ao lado dele é possível distinguir e aprender sobre os sons de pássaros como também o seu formidável ronco! E que nesta criatura, que tem o sorriso proporcional ao seu tamanho traduz o termo “**gente**”, no sentido mais profundo e raro que isso possa expressar. E hoje, ao lado dos meus filhos e junto aos amigos que ele ensinou e que também me ensinam, as montanhas serranas sempre nos remetem a observar o vôo dos pássaros, analisar seus abrigos e agradecer ao Pedro, esta personalidade tão humana, que nos mostra com o seu exemplo, a importância da ciência na conservação, difusão de valores e respeito à natureza. (*Maurício Savi*, Ministério do Meio Ambiente, Brasília, DF).



Hoje faz 23 anos e sete meses que conheci o Pedro. E eu poderia adicionar o número de dias também. Afinal, a data de 8 de janeiro de 1982 ficará para sempre marcada na minha memória. Eu tinha 16 anos de idade e minha mãe (dona Lavínia), preocupada com as minhas amizades, tendências revolucionárias e mania de nunca pentear o cabelo, achou interessante um tal "Curso para Observadores de Aves", oferecido pela Fundação Cultural de Curitiba e algo divulgado na mídia local. Eu, por muitos anos, costumava gastar meus domingos a escrever nomes científicos em cadernos e esboçar "livros" tratando da história natural dos animais - especialmente das aves - e tinha um sonho adolescente de vê-los publicados. Usava a literatura que existia ao meu alcance: a enciclopédia "Os Bichos", que influenciou grande parte dos estudiosos da minha geração e outras, como a "Naturama", "A Fauna", "Os animais" e, claro, os livros de Eurico Santos. De vez em

quando eu assaltava, sob coordenação atenta de meu pai, a biblioteca de meu avô, há muito falecido, que era recheada de títulos sobre biologia... Dali herdei o "Catálogo de aves amazônicas" da Emília Sneathage e o "Aves do Brasil" de Emil Goeldi, duas raridades.

Para a minha mãe, aquele curso seria uma oportunidade importante para mim. E tinha tudo a ver! Afinal, eu saía cedo de casa, todos os dias, para ficar olhando os passarinhos do meu bairro, fazendo observações de comportamento e os identificando, com base nos livros que eu tinha às mãos.

Lembro como se fosse hoje, o dia em que cheguei ao Museu de História Natural Capão da Imbuia, junto a ela, para pedir minha inscrição no tal curso. Logo à entrada, deparei-me com um lindo cartaz de um simpósio sobre Cracídeos, que me chamou a atenção pelos belos desenhos, dentre eles de um *Oreophasis derbianus* em destaque. Dali olhei à direita e, ao fundo de um corredor cheio de armários de vidro com aves belissimamente empalhadas, notei a presença de um sujeito alto, sentado à sua mesa de trabalho, com olhar sério e profundo. Nem um sorriso saiu daquela fisionomia. " -Tô ferrado", eu pensei. Minha mãe vai me pôr numa colônia de férias cheia de regras e vou passar uma semana inteira com gente carrancuda e chata.

Adentramos à sala e fomos logo recebidos. Aquela cara séria digamos, cara de poucos amigos, não era de fato o que eu estava pensando. Era pior! Nenhum sorriso foi esboçado, tampouco alguma demonstração de boas-vindas ao adolescente que ali chegava, pensando nas aves e nas milhares de oportunidades de ficar estudando aqueles passarinhos empalhados. E minha apreensão aumentou ainda mais: a voz do cara era muito grossa; dava até medo! " - *As vagas já estão preenchidas. Já temos 15 pessoas*". Ao ouvir isso senti algum alívio, mas logo minha mãe intercedeu: " - Se tem 15, poderiam ter 16. Porque não?". Um silêncio ficou no ar. O coordenador do curso pensava: um adolescente no grupo poderia trazer problemas... Pediu um minuto e saiu da sala. Anos depois fui descobrir que ele havia ido ao gabinete de suas colegas Adelinyr A.Moura Cordeiro (a Tota) e Ruth Misiuta que lá trabalhavam, respectivamente com peixes e insetos junto ao acervo do Museu. " - *Não temos mais vagas e agora, um guri, que nem maior de idade é, quer participar do curso!*". Comentários surgiram: " - Vai ser bom ter alguém assim! Pelo que a mãe dele contou, ele já observa aves nos terrenos baldios das proximidades de sua casa", disse a Tota; " - Deixe de história e aceite o menino!", disse a Ruth.

Assim, o sujeito de coração mole chamado Pedro Scherer Neto, voltou ao seu gabinete e deu o parecer definitivo: " - *Está certo. Ele pode participar do curso. Se quiser poderá também ir conosco hoje mesmo a um lugar onde tem colhereiros, aqui perto de Curitiba e que podem ser facilmente observados*". " - Colhereiros?", estranhei. Essas aves não viviam apenas no pantanal matogrossense? O Pedro havia encontrado um lugar, chamado Umbará, perto de Curitiba onde os havia visto e queria retornar para novas observações. Logo após o almoço, rumamos numa kombi da prefeitura de Curitiba para esse santuário. Antes apanhamos em casa outros colegas que acabei conhecendo justo naquele dia: o Ricardo Koch Cavalcanti que tinha um apelido estranho, de pomada contra luxações: Zig. Também havia o Clóvis Ricardo S.Borges, o Márcio Bittencourt, a Astrid Richter... Essa foi a minha viagem de campo "aperitivo". Não vimos os colhereiros, mas encontramos um *Colaptes melanochloros*, um tipo de pica-pau que, naquela época era considerado incomum. Esse flagrante, inclusive, me fez presenciar pela primeira vez aquilo que depois chamamos de "*orgasmo ornitológico*". Pedro, ao ver o bicho, encheu-se de vigor e passou a falar em voz alta e bater vigorosamente com os pés no chão: "*Um Chrysoptilus melanochloros* [esse era o nome científico em uso, naquele tempo]! *Olhem! Vejam! Está ali naquela árvore!*". Eu não

entendia nada daquilo: o que fazia um homem daquele tamanho vibrar tanto com uma observação? Fomos ao livro do Dalgas e comparamos o desenho com a ave, ao natural. Eu acabara de ser batizado!

Depois disso fizemos muitas e muitas viagens, sempre em busca de aves, raridades ou não. Fomos para Florianópolis, onde ficamos hospedados na casa da Lenir Rosário; fomos à Estação Ecológica do Taim, a Antonina, Pontal do Sul e às ilhas da Baía de Paranaguá para contar papagaios; fomos à ilha dos Currais para anilhar fragatas e atobás...

Esse começo de carreira foi fundamental para mim: lá estava o Pedro, ensinando algo que é indispensável na vida de qualquer naturalista de campo: despertar a sua própria sensibilidade! Esse sexto-sentido é difícil de explicar. De repente, após um certo tempo de experiência, criamos um certo caminho extraordinário, que une visão, audição, olfato e tato - todos conectados. Com isso é possível permanecer atento a ruídos de fundo quase inaudíveis... É por isso que muitos ornitólogos, mesmo participando ativamente de uma conversa animada, de repente param os olhos e ficam a fitar o infinito. Com certeza foi algum som de pássaro que se intrometeu na paisagem sonora. Um piado discreto, um trinado baixinho que surgiu lá de longe e que merece ser identificado... Sintonia e atenção 24 horas por dia!

Em uma das viagens com o Pedro eu lembro de ter escutado: "- *Tem um furnarídeo vocalizando aqui, que não sei qual é*". Pensei comigo: "- Como diabos ele sabe que é um furnarídeo?". Retornando do campo, fui atrás dos livros e não achei tratado algum que mostrasse: furnarídeos cantam assim ou assado... Apenas haviam descrições de cantos específicos, um a um. Depois fui entender que essas coisas não estão nos livros. Elas fazem parte de um aprendizado que é o destino dos que desenvolvem certos sentidos inexplicáveis. E o Pedro tem, como poucos, esse sentido apuradíssimo. E mais do que isso: o Pedro sabe ensinar os caminhos para que aprendamos a desenvolvê-lo também!

Eu poderia ficar horas contando detalhes dos momentos que tive a honra de conviver com o Pedro. Muitos deles me emocionam até hoje; muitos deles me voltam à memória a todo o instante, cheios da sabedoria que ele nunca negou a ninguém.

Algo bem recente, que me comove - mas que fui saber apenas alguns dias depois do ocorrido - foi que o Pedro ficou muito emocionado com a menção que fiz a ele durante minha palestra no Congresso Brasileiro de Ornitologia de Blumenau (novembro de 2004). Tratei dos grandes contribuidores para o avanço da Ornitologia paranaense: Natterer, Chrostowski, Mayer e... Pedro Scherer Neto. Nada surpreendente, para quem conhece um mínimo da história das pesquisas com avifauna neste Estado brasileiro. Mas, para ele, foi especial. Estava lado a lado com os grandes "monstros". Ainda que por justiça, ele ficou emocionado.

Quando eu publiquei meu primeiro artigo, em 1988, reservei a primeira separata e fiz uma dedicatória: "Pedro. Feliz é a árvore que pode ver que seus frutos geraram sementes. Um abraço. Fernando". Passaram-se algumas horas e achei um bilhete sobre a minha mesa: "Fernando. Feliz é a árvore que gera frutos, sementes e que vê as suas sementes brotando para formar novas árvores, cheias de frutos e mais e mais sementes. Pedro". Assim é o Pedro. Além de ser uma figura sem igual para a ornitologia brasileira ele ainda se empenha duramente em formar novos valores, em estimular os jovens que estão iniciando. Dentre orientados, alunos e estudantes em geral que se utilizaram de sua atenção e ensinamentos, já podemos contar quase uma centena que, direta ou indiretamente, contaram como ele em alguma parte de suas vidas profissionais.

E eu - falo isso com orgulho e emoção - fui um dos felizardos que teve essa oportunidade! E, se hoje consegui produzir algumas modestas contribuições à

Ornitologia brasileira, o fiz somente porque o Pedro estava por perto, não apenas oferecendo generosamente seus conhecimentos técnicos de cientista experiente, mas em especial dando uma verdadeira lição de vida, que deveria ser seguida por todas as gerações futuras! (*Fernando Costa Straube, Mülleriana: Sociedade Fritz Müller de Ciências Naturais, Curitiba, PR*).



ATUALIDADES ORNITOLÓGICAS N. 126 – JUL/AGO DE 2005 – PÁG. 13-14